

## CORPOS QUE NÃO CABEM NA CELA: CARTOGRAFIA DO LADO DE FORA

ANA CAROLINA DE FREITAS SANTANA<sup>1</sup>; ANDRESA RIBEIRO RIBEIRO<sup>2</sup>;  
JOSÉ RICARDO KREUTZ<sup>3</sup>:

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – satierfc@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – assessoriaandresaribeiro@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – jrkreutz@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

No limiar da madrugada, quando o mundo ainda se desenha em tons de silêncio e promessa, emergem as figuras das “cunhadas”. Não apenas um termo, mas um portal para um universo de relações tecidas na urdidura da ausência e da presença, do dentro e do fora dos muros que aprisionam corpos, mas raramente almas. São elas, as mulheres que, em um gesto de cuidado que transcende o meramente afetivo, sustentam a vida em suas fissuras mais profundas. Elas acordam com o sol ainda um sussurro, e suas mãos, já hábeis na alquimia do afeto, preparam alimentos que nutrem não só o corpo, mas a esperança. Organizam roupas, escolhem itens de higiene, cada peça um elo, cada objeto um lembrete de que a vida, mesmo em sua forma mais constrita, pulsa e demanda, um testemunho silencioso da teimosia do amor.

As longas jornadas, os deslocamentos que parecem esticar o tempo e o espaço, as revistas que desnudam não apenas o corpo, mas a dignidade, são rituais de passagem. Rituais que, em sua repetição exaustiva, forjam a resiliência e a teimosia de um amor que se recusa a ser invisibilizado. Este cuidado, quase sempre um eco do feminino, é uma construção histórica, um papel social que se impõe e se naturaliza, reforçado por estruturas culturais e patriarcais que, em sua cegueira, invisibilizam o desgaste, a dor, a potência de quem cuida.

Nos corredores dos presídios masculinos, a cena se repete: mães, irmãs, esposas, companheiras. Uma constelação feminina que se aglomera, um rizoma de afetos que se expande, desafiando a lógica linear do encarceramento. Mas, quando a prisão acolhe corpos femininos, a paisagem se transmuta, se cala. Há no Brasil uma cultura de abandono familiar de mulheres privadas de liberdade que não se verifica em relação aos homens, e apenas uma minoria delas recebe visitas e assistência da família (MECANISMO NACIONAL DE PREVENÇÃO E COMBATE À TORTURA, 2024). Essa assimetria, essa dança desigual do cuidado, expõe a atribuição de gênero, a normalização da ausência, a invisibilidade do trabalho afetivo.

Este trabalho, então, não se contenta em apenas observar. Ele se propõe a mergulhar nas camadas estruturais que sustentam esse cuidado, a ir além da dimensão individual, do afeto que se manifesta na superfície. Busca as raízes políticas, econômicas, culturais e subjetivas que entrelaçam essa teia. Com uma perspectiva crítica, rizomática e imersiva, inspirada na cartografia como método e na fabulação especulativa como estratégia narrativa, almeja dar visibilidade a essas mulheres. Não como coadjuvantes de uma história que não lhes pertence, mas como agentes políticos, como protagonistas de uma narrativa que, até então, lhes foi negada. É um convite a olhar para o invisível, a escutar o silêncio, a sentir a potência de quem, no ato de cuidar, reinventa o mundo a cada visita, a cada

gesto, a cada fio de esperança tecido na trama da vida, desafiando as grades invisíveis que tentam aprisionar a alma.

## 2. ATIVIDADES REALIZADAS

A inspiração para este trabalho emergiu de um convite para nos lançarmos ao campo de forma sensível, abandonando os roteiros rígidos para seguir os afetos. Fomos levadas a uma dimensão onde os muros, tanto físicos quanto teóricos, não mais existiam. Éramos apenas nós e os territórios, ou, mais precisamente, os corpos-territórios que se revelavam em cada encontro. A proposta, que guardamos como uma fotografia-guia, era um convite à deriva, a um mapeamento traçado em tempo real.

O roteiro nos provocava a sentir, mais do que a perguntar. Sussurrava em nós questões que se tornaram nosso norte: qual tema emergente afeta o grupo? Em qual recorte, seja no território, no grupo, na mídia ou na bibliografia que essa questão pulsa com mais vida? A partir daí, como podemos enunciar o problema que nos chama, que nos convoca? E, finalmente, quais as expressões desses mundos que se revelam, que insistem em existir?

Foi com esse espírito cartográfico que o ponto de partida para a construção deste trabalho se deu: a experiência de estágio de Andresa Ribeiro, relatada durante a visita à Penitenciária de Rio Grande. Naquela ocasião, o que se buscava não era apenas um registro, mas um mergulho. Foi possível sentir de perto o pulsar da unidade prisional, observar as fissuras nas condições estruturais, compreender a dança dos corpos na dinâmica das visitas e identificar as práticas cotidianas, a economia paralela que sussurra nos corredores, a gestão interna tecida pelos próprios presos e as interações sutis entre equipe técnica, agentes e a população privada de liberdade. A observação se estendeu como um olhar que toca, abrangendo a saúde física e mental, a divisão do trabalho e as coreografias das rotinas prisionais.

Para dar forma a essa teia de sensações e vivências, o formato rizomático foi adotado como estrutura de escrita. Inspirando-nos nas proposições de Deleuze e Guattari (1995) e na cartografia sentimental de Sueli Rolnik (1989), permitimos que os textos se conectassem por múltiplos pontos, sem hierarquia, tal como se formam as redes de apoio entre as “cunhadas”. Essa escolha não foi apenas metodológica, mas poética: um modo de transitar entre cenas, teorias e observações, sem jamais estabelecer fronteiras rígidas entre ficção e realidade, individual e coletivo, dentro e fora.

Além do campo que se pisa, navegamos pelo campo que se digita. A construção do trabalho se alimentou da observação de conteúdos publicados nas redes sociais, especialmente em plataformas como o TikTok. Ali, mulheres compartilham suas rotinas de visita, a montagem dos jumbos como um ritual de cuidado, as regras não ditas nas vestimentas e os relatos que transbordam das telas. Esses registros digitais se tornaram um material de pesquisa vivo, onde pudemos observar os padrões, as estratégias de resistência e os afetos que, mesmo à distância, tecem uma comunidade.

A articulação entre teoria e vivência foi aprofundada pela chegada de Ana Carolina, participante do grupo de pesquisa e extensão LIBERTAS/UFPEL. Sua atuação, a partir do acompanhamento de movimentos sociais como o FCCRS Coletivo de Familiares, trouxe a força da luta organizada para o centro da nossa escrita. A análise das pautas, narrativas e estratégias deste coletivo, formado majoritariamente por mulheres, foi o que ancorou nossas ficções na terra firme da

realidade, garantindo que as vozes aqui presentes ecoassem a luta coletiva por direitos no sistema prisional.

Assim, nossa análise foi atravessada por referências da psicologia social crítica, estudos de gênero, sociologia do encarceramento e por autores que nos ensinaram a ler o afeto, o poder e a resistência. Tudo isso para que a escrita pudesse operar, ao mesmo tempo, como narrativa que pulsa e como reflexão que transforma.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta jornada cartográfica, que ousou mergulhar nas profundezas de um cuidado muitas vezes invisibilizado e silenciado, somos convidados a um olhar que transcende a mera observação. Não se trata apenas de ver, mas de sentir a pulsão de vida que emana dos corpos que, embora não caibam nas celas, teimam em existir e resistir do lado de fora. Este trabalho, "Corpos que não cabem na cela: cartografia do lado de fora", foi um convite à escuta atenta das vozes e dos gestos das mulheres que, com uma força que desafia a lógica, sustentam a vida em suas fissuras mais profundas, na urdidura da ausência e da presença, do dentro e do fora dos muros que aprisionam corpos, mas raramente almas.

Nesta cartografia, um dos achados mais contundentes e dolorosos reside na revelação da rotina de cuidado das "cunhadas" como um ato de resistência que, paradoxalmente, as aprisiona em um ciclo de doação e sacrifício. Como bem apontado em nossa reflexão, e em consonância com o pensamento perspicaz de Monique Wittig (2022), a ideia de que estamos "condenadas ao cuidado" emerge com uma força avassaladora. Antes de sermos indivíduos autônomos, somos moldadas por um sistema que nos designa papéis de docilidade e servidão, tornando-nos, como descreve Foucault (1975), "corpos dóceis", uma herança patriarcal que se perpetua nas entranhas da sociedade. A rotina exaustiva de preparar alimentos com as mãos que também afagam a esperança, de organizar roupas que vestem a dignidade, de enfrentar longas jornadas que esticam o tempo e o espaço, e de suportar revistas que desnudam não apenas o corpo, mas a alma, não é apenas um gesto de afeto. É uma imposição de gênero, uma extensão da lógica que naturaliza o fardo do cuidado como intrinsecamente feminino. Essa "condenação" não se limita ao espaço físico da prisão, mas se estende à culpa e à solidão de ser a "mão estendida" em um mundo de não e questionamentos, onde a resiliência e a teimosia de um amor se recusam a ser invisibilizados. A assimetria da ausência masculina no cuidado, em contraste com a presença feminina avassaladora, expõe a dança desigual do cuidado, a atribuição de gênero e a invisibilidade do trabalho afetivo, refletindo as contradições mais íntimas de uma sociedade que se espelha em suas próprias falhas.

Em suma, esta cartografia não se encerra em si mesma, mas se propõe como um ponto de partida, um rizoma de possibilidades para novas investigações e intervenções. Ao lançar luz sobre a rotina de cuidado das "cunhadas" e sua relação intrínseca com a misoginia e a violência de gênero, esperamos ter contribuído para uma compreensão mais profunda e empática das complexidades do sistema prisional e do papel das mulheres nesse contexto. Acreditamos que a fabulação especulativa e a metodologia rizomática se mostraram ferramentas potentes para desvelar realidades que escapam às abordagens tradicionais, permitindo-nos construir um mapa que, embora não exaustivo, é capaz de nos

ligar diretamente ao centro do afeto, do cuidado e da resistência, revelando a teimosia de um amor que se recusa a ser invisibilizado.

#### **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

**DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 1.** São Paulo: Editora 34, 1995.

**FOUCAULT, Michel.** *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Petrópolis: Vozes, 1975.

**FRENTE DOS COLETIVOS CARCERÁRIOS DO RS (FCCRS )**. Porto Alegre, 2020. Instagram: @coletivofamiliaresrs. Disponível em: <https://www.instagram.com/coletivofamiliaresrs/>. Acesso em: 27 ago. 2025.

**LIBERTAS. Programa Punição, Controle Social e Direitos Humanos**. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, [s.d.]. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/libertas/>. Acesso em: 27 ago. 2025.

**MECANISMO NACIONAL DE PREVENÇÃO E COMBATE À TORTURA (Brasil )**. Relatório Anual 2023. Brasília, DF: MNPCT, 2024.

**ROLNIK, Sueli.** *Cartografia Sentimental: Transformações Contemporâneas do Desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

**WITTIG, Monique.** *O Pensamento Heterossexual e Outros Ensaios*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.